

CENTENÁRIOS REPRESENTATIVOS DA GUERRA DO CONTESTADO: GEOGRAFIZA(N)DO E REPRESENTA(N)DO POR MEIO DAS AQUARELAS DA ARTISTA PLÁSTICA MÁRCIA ELIZABETE SCHÜLER

Representative centennials of contestado war: doing geography (“geographied”) and representing (represented) through watercolors of the plastic artist Márcia Elizabete Schüler

Vanessa Maria Ludka¹
Alcimara Aparecida Foetsch²
Nilson Cesar Fraga³

Recebido em: outubro de 2017

Aceito e Publicado em: dezembro de 2017

Resumo

Várias são as abordagens acerca da Guerra do Contestado: econômicas, políticas, sociais, culturais, históricas, artísticas, cada qual com sua visão e inegável contribuição. Com objetivo de analisar a Guerra do Contestado pelo viés artístico, utilizou-se as aquarelas da artista Márcia Elizabete Schüler e as contribuições de Serge Moscovici, construindo uma análise da representação social, quando muitos elementos essenciais carregam acerca da região do Contestado. Para tanto, inicia-se a discussão situando a leitura quanto à região geográfica do Contestado e o contexto social da época, ressaltando que o texto apresenta um panorama geral das raízes da guerra de forma sucinta, entretanto suficiente, dada a ampla relação espaço, tempo e conflito. São apresentadas as bases da Representação Social proposta por Moscovici destacando seus princípios metodológicos, a importância da comunicação, os papéis dessa representação e a construção do conhecimento que paira sobre os universos reificado e consensual. O intuito é perceber a maneira com que as Representações Sociais permitem compreender e explicar a realidade além de formarem condutas e orientarem as comunicações sociais. Dessa forma, mesclam-se as contribuições teóricas de Moscovici a uma representação do Contestado por meio de aquarelas objetivando construir uma cronologia dos principais fatos do conflito e destacar uma das numerosas formas de se representar a significância desta região para a formação territorial sul-brasileira.

Palavras-chave: Guerra do Contestado, Representações Sociais, Aquarelas Márcia Elizabete Schüler.

Abstract

There are lots of approaches around the Contestado War: economic, politic, social, cultural, historic, artistic, each one with its vision and undeniable contribution. Aiming at analysing the Contestado War due to an artistic bias, it was used the watercolors of the artist Márcia Elizabete Schüler and Serge Moscovici's contribution buiding an analysis of social representation, when a lot of essential elements carry around the Contestado region. For that, it's started the discussion placing the Reading around the geographic region of Contestado and the social context of that time, highliting that the text features a general view of the war's roots in a brief way, although insufficient, given the wide relation among space, time and conflict. It's presented the base of Social Representation proposed by Moscovici highliting their methodological principles, the importance of communication, the roles of these representations and the knowledge construction which hovers around the reified and consensual universes. The reason is to realize the way the Social Representations allow to understand and explain the reality beyond creating behaviors and orienting the social communication. Thus, mixing Moscovici's theoretical contributions to a representation of Contestado through the watercolors, aiming at building a cronology of the main conflicts facts and to highlight one of the numerous ways to represent the significance of this region to the southern Brazilian formation.

Key-words: *Contestado War; Social Representations; Márcia Elizabete Schüler's watercolors.*

INTRODUÇÃO

*“É caboclo é. Faz da sua vida uma oração ao Criador
A luz sagrada é a espada. Como o santo monge ensinou
Caboclo rezava com fé. Mostrando que divina é a força de cada fiel
Fazer da terra seu pedaço lá no céu. Mas um dia chegou a dor
Pelos trilhos da ambição. A Fumaça nos ares, corta campos e lares
Parecia o mal na forma de um dragão. Era o sangue na mata, a revolta crescia
Contestado em Guerra, uma voz resistia. A bela “Rosa” guia cada sonhador, ‘visões’ de amor”...*

Trecho do samba G.C.E.R.E.S. Os protegidos da Princesa – Carnaval 2012 – Florianópolis/SC. Contestado – 100 anos de insurreição xucra.

Autora do enredo: Martha Fernandez Gonzaga. Compositores:

Conrado Laurindo, Fred Inspiração, Ricardo Abraham e Willian Tadeu.

O trecho acima retirado do samba enredo intitulado “Contestado – 100 anos de insurreição xucra” da Escola de Samba Protegidos da Princesa de Florianópolis/SC permitiu, juntamente com as aquarelas da artista Márcia Elizabete Schüler e as contribuições de Serge Moscovici, construir uma análise da representação social, quando muitos elementos essenciais carregam acerca da região do Contestado.

Ao longo dos anos o Contestado vem sendo analisado sob os olhares de uma multiplicidade de perspectivas: do historiador, do geógrafo, do político, do sociólogo, do folclorista, dos artistas, cada qual com sua abordagem, referencial conceitual, métodos e contribuições. Nesta polissemia, analisar geograficamente a Guerra do Contestado só é possível por meio da compreensão da mesma enquanto “fenômeno histórico vivo e multifacetado e não como fórmula abstrata morta” (MACHADO, 2004, p.36). Significa pensar o conflito a partir de suas motivações, da forma com que se processou e, mais arriscadamente, perceber que as consequências ainda hoje são sentidas – sobretudo nestes anos que se rememoram as referências ao Centenário do Conflito, cuja Guerra, se estendeu, entre os anos de 1912 e 1916.

Ao contrário da Guerra de Canudos⁴, a Guerra do Contestado teve numerosos e diversos líderes que ainda são cultuados pela memória do povo da região. Além destes líderes, fatos, fenômenos e acontecimentos contribuíram para tornar o conflito (e suas consequências) uma possibilidade ímpar de ser analisada e pesquisada. Nesta multiplicidade, optou-se por construir uma relação entre a Guerra do Contestado – seus atores e fatos – e a Teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici, tendo como pano de fundo as aquarelas da artista plástica Márcia Elizabete Schüler, tão necessárias para delimitar a abordagem frente à imensa gama de possibilidades abertas pela temática.

Para tanto, inicia-se a discussão situando a leitura quanto à região geográfica do Contestado e o contexto social da época, ressaltando que o texto de cunho introdutório apresenta um panorama geral das raízes da guerra de forma sucinta, entretanto suficiente, dada a ampla

relação espaço, tempo e conflito. Em seguida são apresentadas as bases da Representação Social proposta por Moscovici destacando seus princípios metodológicos, a importância da comunicação, os papéis dessa representação e a construção do conhecimento que paira sobre os universos reificado e consensual. O intuito é perceber a maneira com que as Representações Sociais permitem compreender e explicar a realidade além de formarem condutas e orientarem as comunicações sociais.

As aquarelas selecionadas destacam a liderança dos monges, a exuberância da Mata com Araucária a degradação ambiental e social resultante da exploração estrangeira, a invasão do território caboclo e limpeza étnica pós-conflito. Optou-se por ordenar cronologicamente os fatos e elementos com vistas e melhor explicar a evolução da guerra e sua representação. Dessa maneira, espera-se oferecer um novo olhar acerca do Contestado neste centenário, um olhar que por meio da arte contida nas aquarelas e na possibilidade de se compreender sua representação social contribui para dar visibilidade a um conflito importante para a formação político-territorial do Brasil.

A Guerra do Contestado: situando a região geográfica e o contexto social

*“O contestado é a voz do passado
falando ao presente, alertando o futuro”.*

Vicente Teles (2006 – Folclorista).

De 1912 a 1916, ocorreram, em Santa Catarina, numa área em litígio com o vizinho Paraná, os fatos mais sangrentos das suas histórias, quando a população do Planalto pegou em armas e deu o grito de guerra, no episódio que ficou conhecido como a Guerra do Contestado. Foram várias as causas do conflito armado, pois, na mesma época e no mesmo lugar, ocorreu um movimento messiânico de grandes proporções, uma disputa pela posse de terras, uma competição econômica pela exploração de riquezas naturais, e uma questão de limites interestaduais. (FRAGA, 2010, p. 139).

A Guerra do Contestado, em si, foi definidora dos territórios atuais de Santa Catarina e do Paraná, além de constituir aquelas denominadas Região do Contestado Catarinense e Sul Paranaense, onde, conforme Eduardo Galeano (1986) verificou-se uma das maiores guerras civis do continente americano, pois o genocídio de milhares de camponeses pobres foi a sua principal marca. A Guerra do Contestado é um episódio complexo, pois é alimentado por vários fatores que se entrelaçam, sejam de ordem social, política, econômica, cultural, sejam de ordem religiosa (FRAGA, 2009, p. 17).

Segundo Thomé (1997) in Fraga (2010) a Guerra do Contestado reuniu, no mesmo tempo e no mesmo espaço geográfico, mais de 30 mil pessoas – habitantes da região na época –,

desde fazendeiros, em defesa de suas propriedades, até posseiros tentando manter-se em terras devolutas, “fanatizados” por promessas messiânicas, e oportunistas que viam na ocasião para exercerem pressões políticas acerca dos limites disputados entre Santa Catarina e o Paraná. Por isso, é dito que nem todos os sertanejos catarinenses eram rebeldes, nem todos os rebeldes eram fanáticos, e nem todos os fanáticos eram jagunços. O Contestado era um mundo complexo demais em representações para ser visto por um único viés de análise, muitas são as possibilidades, muitas são as representações desta guerra.

As forças militares, que estiveram no Contestado para impor a ordem e a lei, e afugentar bandos de *fanáticos*, em tarefa que parecia fácil, defrontaram-se com um verdadeiro exército rival, disciplinado, formado por gente hábil, destemida, idealista, conhecedora do terreno e dos segredos da natureza, que transformaram em pesadelos as investidas oficiais, ao aplicar táticas de guerrilha, envolvendo os soldados em mortíferas ciladas. Só depois de quase dez mil sepulturas, ou mais, é que as tropas legais se convenceram de que tinham estado diante de um inimigo não inferior, e que a vitória final aconteceu porque a astúcia dos camponeses não resistiu ao poderio bélico e à inteligência e persistência militar. (MONTEIRO, 1974).

Apenas no dia 20 de outubro de 1916, foi assinado o Acordo de Limites pelos governadores do Paraná, Afonso Alves Camargo e de Santa Catarina, Felipe Schmidt, intermediado pelo Presidente da República Wenceslau Braz. O Paraná ficou com 20.310 quilômetros quadrados e Santa Catarina com 27.570 quilômetros quadrados do território em litígio. Os paranaenses “cederam” Itaiópolis, Papanduva e Canoinhas, mas recuperaram Palmas e Clevelândia. E a cidade da margem esquerda do Iguaçu, que havia sido fundada por paulistas, acabou sendo dividida: União da Vitória ficou para o Paraná, e Porto União, para Santa Catarina (THOMÉ, 2003). No que concerne à repercussão da Guerra do Contestado sobre o espaço agrário regional, faz-se importante lembrar que o ano de 1917 é tido historicamente como o ano da “limpeza” das terras que estavam sob domínio da *Lumber* e dos coronéis (FRAGA, 2010), passaram por um processo de limpeza que consistia em contratar jagunço, milhares, para expulsar os caboclos das suas casas e propriedades e, em seguida, matá-los. De acordo com os relatos históricos produzidos nas últimas décadas, não se abre mão de considerar a limpeza étnica no ano mencionado.

Tais fatos coincidem com a criação de vários municípios, na forma da lei vigente, para garantir a posse do território, seja na parte que coube a Santa Catarina, seja na que coube ao Paraná. Dentre eles se podem destacar Mafra, União da Vitória, Cruzeiro (hoje Joaçaba) e Chapecó, além dos já existentes, como Canoinhas, Curitibanos e Campos Novos. Tais cidades passaram a ser administradas pelos coronéis de então, todos com possibilidades de contratar farta

mão-de-obra para expulsar e matar os posseiros restantes – no ano da limpeza, 1917 (FRAGA, 2010). Assim sendo, o território outrora contestado passou a ser rapidamente ocupado por milhares de migrantes europeus e excedentes das colônias do Rio Grande do Sul, ocupando as terras de posse dos caboclos, sob domínio e direito de colonização, da Cia. *Lumber*.

A representação social proposta por Serge Moscovici: uma forma de compreender o Contestado

[...] toma, como ponto de partida, a diversidade dos indivíduos, atitudes e fenômenos, em toda sua estranheza e imprevisibilidade. Seu objetivo é descobrir como os indivíduos e grupos podem construir um mundo estável, previsível, a partir de tal diversidade. (MOSCOVICI, 2003, p.79).

Nascido na Romênia e filho de judeus, Serge Moscovici migrou pra França em 1948, onde se naturalizou e estudou Psicologia na Universidade de Sorbonne. Sua tese de doutorado, intitulada: “*La psychanalyse, son image, son public*” foi o marco inicial para o desenvolvimento da conhecida Teoria das Representações Sociais. Em suas proposições, foi influenciado por Durkheim (e o conceito de representações coletivas) e também por Lévy-Bruhl e Vygotsky. Sua obra é utilizada por uma vasta gama de áreas, como: a Filosofia, Antropologia, História, Linguística, Pedagogia e a Geografia, sendo que sua intenção principal consistia em romper com o pensamento tradicional dominante que concebia o sujeito separado de seu contexto social (MOSCOVICI, 2003). Trata-se de uma possibilidade única para se compreender o sujeito do Contestado marcado por um conflito definidor dos limites entre dois Estados do Sul do Brasil e que deixou marcas não só na paisagem, mas também na memória e na forma de se representar a região.

O texto principal definido no presente artigo⁵ será abordado considerando toda a dificuldade e complexidade de se compreender os fenômenos sociais presentes. Assim sendo, não se tem a pretensão de explorá-lo com profundidade analítica, mas sim, destacar pontos elementares na tentativa de compreender a representação social da região do Contestado por intermédio de algumas aquarelas. Numerosas são as formas de se representar socialmente essa região entre o Paraná e Santa Catarina marcada por conflitos e desentendimentos. Essas formas vão desde: pinturas, filmes, documentários, *cartoons*, livros, sambas, danças, teatros, entre tantas outras possibilidades – cada qual com sua singularidade e representatividade.

Na construção da teoria das Representações de Moscovici, Durkheim aparece como o ancestral ambíguo, aquele que “[...] defendeu uma separação radical entre representações

individuais e coletivas e sugeriu que as primeiras eram campo da psicologia e as últimas o objeto da sociologia” (p.13), entretanto, Moscovici dá continuidade aos seus trabalhos sob a luz da modernidade, afirmando que prefere o termo representações sociais ao invés de coletivas, segundo ele:

[...] as representações em que estou interessado [...] são aquelas da nossa sociedade presente, do nosso solo político, científico e humano, que nem sempre tiveram tempo suficiente para permitir a sedimentação que os tornasse tradições imutáveis (MOSCOVICI, 1984, p.18, apud SÁ, 1995, p. 22).

Partilhando do mesmo interesse, analisa-se a sociedade presente na região do Contestado bem como o solo político, científico e humano em que essa sociedade vem se consolidando e, onde também, vislumbra-se uma série de representações que não tiveram tempo suficiente para se tornar imutáveis convivendo com outras já sedimentadas, sendo que algumas serão neste artigo retratadas. Neste sentido ressalta-se que a preocupação de Moscovici era a de não fechar um conceito de Representação Social, recusando-se inclusive a elaborá-lo e fornecendo apenas indícios que pudessem compor o conceito. Para ele as pessoas que constroem o mundo não são receptores passivos, mas pensadores e ativos que produzem e comunicam suas representações (Saberes sociais) e, são, justamente estes saberes sociais, a base desta reflexão.

Em suas primeiras pesquisas sobre as Representações Sociais, Moscovici destacou quatro princípios metodológicos:

- 1) Obter material de amostras de conversações normalmente usadas pela sociedade (conversações cotidianas, relacionamentos e comunicação) – Senso Comum;
- 2) A necessidade de se considerar as representações sociais como meios de re-criar a realidade (re-fazer, re-construir, fugir do referencial);
- 3) A visão de que o caráter das representações sociais é revelado especialmente em tempos de crise e insurreição, quando um grupo, ou suas imagens, está passando por mudanças (Rupturas);
- 4) A proposição de que as pessoas que elaboram tais representações sejam vistas como algo parecido a “professores” amadores (Sábios amadores).

Assim sendo, seguindo os princípios metodológicos de Moscovici, parte-se do senso comum e selecionam-se algumas – das muitas – aquarelas da artista Márcia Schuler para serem analisadas. A intenção é, por meio deste material, perceber a Representação Social como meio de se re-criar a realidade vislumbrada por intermédio de um tempo de insurreição/ruptura (que foi o conflito e ainda é em seu centenário).

Moscovici (2003) destaca ainda a influência da comunicação nesse processo bem como a maneira com que as representações se tornam senso comum (repetição) afirmando que “São realidades vividas” (p.08), portanto: “[...] toma como ponto de partida, a diversidade dos indivíduos, atitudes e fenômenos, com o objetivo de descobrir como construir um mundo estável a partir de tal diversidade” (p.79). Portanto, afirma que as Representações Sociais: “[...] são entidades quase tangíveis. Elas circulam, se entrecruzam e se cristalizam continuamente, através duma palavra, dum gesto ou duma reunião, em nosso mundo cotidiano” (p.10), propondo analisar como fenômeno o que antes era conceito. Neste sentido, inegável é o poder da comunicação contida nas aquarelas, as quais permitem uma interpretação subjetiva única justamente por não apresentarem elementos visuais tão bem definidos como em um quadro ou fotografia.

Moscovici aponta, ainda, dois principais papéis da Representação Social:

a) Convencionalizam os objetos, pessoas ou acontecimentos: dão forma, localizam em uma categoria, conceituam, colocam em um modelo, são nossas convenções;

b) São prescritivas: são impostas como uma força, um resultado da estrutura que se está presente antes mesmo de se pensar sobre ela, como a criança. Segundo ele: “[...] percebo que, no que se refere à realidade, as representações são tudo o que nós temos, aquilo a que nossos sistemas perceptivos, como cognitivos, estão ajustados” (p. 32).

Compreende-se, nestes papéis, que o Contestado exprime por meio de seus elementos algumas convenções, pessoas e acontecimentos, o que é resultado de uma estrutura e daquilo a que os sistemas de percepção estão ajustados. Assim sendo, analisar o monge, os caboclos, o trem e a mata com Araucárias permite observar a convenção e a prescrição destes elementos.

Em sua visão acerca do conhecimento, acrescenta que ele emerge de um mundo vivido, surge das paixões humanas e é um produto de um grupo específico de pessoas, e a psicologia social “interessa os processos em que o conhecimento é gerado, transformado e projetado no mundo social” (p. 09). Na sociedade contemporânea, aponta dois universos de pensamento:

a) o reificado (ciência): de linguagem característica, hierarquia interna, graus de especialização, prescrição e normas globais, é o conhecimento científico, e o

b) consensual (senso comum): conhecimento da vida cotidiana, das interações informais, da curiosidade, do amadorismo em relação ao objeto, onde o papel da comunicação e da consciência coletiva é fundamental, destacando que não há superioridade, nem hierarquia entre os dois e que o uso de um ou de outro, depende dos propósitos, pois ambos são eficazes e indispensáveis a vida humana.

Compactua-se da inegável contribuição da análise científica sobre o Contestado por intermédio de livros, documentários, teses, dissertações e outros tantos trabalhos de pesquisa – trata-se da contribuição do universo reificado (Ciência). Porém, destaca-se, também, o poder de representação do universo consensual, o do senso comum, do cotidiano e do amadorismo (em relação ao objeto) e, neste sentido, apontam-se as contribuições dos artistas, em especial a da artista Márcia Schüler e suas aquarelas – visto que são também meios de comunicar o Contestado.

Moscovici, em suas proposições, utiliza o princípio da “ancoragem” para reduzir ideias estranhas a categorias e imagens comuns, ou seja, categorizar, rotular, analisar pressupostos, sendo que para ele “Ancorar é, pois, classificar e dar nome a alguma coisa” (p. 61). Assim sendo, as Representações Sociais excluem a ideia de pensamento ou percepção que não possua ancoragem (sem consenso) e reforçam o fato de que o sistema de classificação e nomeação não são somente rótulos (partem da interpretação, compreensão de intenções e motivos) e assim: “do ponto de vista dinâmico, as representações sociais se apresentam como uma ‘rede’ de ideias, metáforas e imagens, mais ou menos interligadas livremente e, por isso, mais móveis e fluidas que teorias” (p. 210) e a “representação social somente pode ser analisada em termos de uma trajetória” (p. 249), que são esquemas facilmente transmitidos. Dessa maneira, as Representações Sociais contribuem com os processos de formação de condutas e orientam as comunicações sociais, permitem compreender e explicar a realidade, bem como permitem a proteção da especificidade dos grupos.

Neste sentido, selecionou-se a seguir algumas aquarelas para analisar a representação contida em cada uma delas. Apresenta-se inicialmente a imagem, seguida de uma contextualização teórica e das percepções quanto a sua representatividade. A delimitação destas pinturas em detrimento de outras se justifica no fato de acreditar-se que estas são mais significativas e simbólicas no/do Contestado e, dessa maneira, podem contribuir no entendimento da percepção da região, sobretudo nestes ano(s) de Centenário(s) da Guerra do Contestado.

As aquarelas e sua representação do contestado

*A verdadeira imagem do passado perpassa, veloz,
O passado só se deixa fixar,
como imagem que relampeja irreversivelmente,
no momento em que é reconhecido.
(BENJAMIM, 1994, p. 224).*

Buscando ilustrar uma das formas de representar o Contestado, selecionaram-se algumas aquarelas da artista plástica Márcia Elizabete Schüler. A artista é também arquiteta urbanista e

iniciou sua carreira artística 1998 em oficinas de pintura acrílica com o artista Adilson Guanabara e grupo de amigos. Participou de algumas exposições coletivas em Videira, SC, como Pintura de um painel fixo alusivo aos 500 anos do *descobrimento* do Brasil, no Centro de Eventos Vitória-Videira, SC. Produz aquarelas desde 2004, e foi vencedora do concurso de ilustrações do site Releituras, em comemoração aos 100 anos do poeta Mário Quintana. Ultimamente produziu uma exposição individual sobre o Contestado na III Feira do Livro, em Videira, 2012.

A exposição produzida para o Centenário do Contestado conta com um total de vinte e duas aquarelas, entretanto, analisar todas seria, neste momento, impossível dada a complexidade e a particularidade de cada uma. Dessa maneira, optou-se por selecionar cinco aquarelas que, em ordem cronológica permitem visualizar o Contestado por meio do olhar da artista e da interpretação subjetiva carregada de representações. As aquarelas selecionadas foram:

- 1) Monge João Maria – Fé e Esperança Cabocla;
- 2) Anfêmero;
- 3) Trem de sangue;
- 4) Tribulação;
- 5) Subtraídos - Expulsos.

A partir desta seleção apresenta-se, inicialmente, uma análise e contextualização teórica acerca de cada um dos elementos/aquarelas, para, em seguida, pautar a discussão acerca da forma da representação social na imagem.

O(s) João(s) e o Zé Maria: O Curandeiro, O Político E O Guerreiro

Quem tem mói quem não tem mói também.
No final todos serão iguais.
(Conhecido dizer do Monge)

Nos últimos duzentos anos, centenas de movimentos messiânicos aconteceram. Alguns foram pequenos, outros obtiveram destaque por envolver pessoas marginalizadas, insatisfeitas e ignorantes que, com expressões, concentraram-se em figuras carismáticas, como os monges conhecidos por João Maria e José Maria. Para que um movimento caracterize-se como messiânico, deve contar as propostas básicas da crença popular da volta do Messias. O Contestado foi também um movimento tido como messiânico. Os responsáveis pela caracterização deste movimento foram os monges que deixaram, por onde passaram registros em todo Sul do País. Eram profetas, curandeiros, santos, conselheiros que irradiavam amor, devoção, simplicidade e caridade.

Na Região Sul do país, conta-se que houve um peregrino de cabelos e barba longas, olhar manso típico de alguém que almejava a solidão e o isolamento. Foi simples, bom e justo, mas severo consigo mesmo, repartindo com o próximo o único bem que possuía: sua fé. Há um paradoxo que surpreende todos quantos estudam ou procuram entender a vida de João Maria: esse “santo” não foi um homem, foram dois que confundiram e entrelaçaram suas vidas para se tornarem apenas um santo.

Segundo Cabral (1960), **João Maria de Agostini** era italiano nascido em 1801. Não há muitos registros do seu passado nem quando chegou ao Brasil. O que se tem é que esteve no Pará, viajou para o Rio de Janeiro por volta de 1844 e depois para São Paulo. Diz-se que era solteiro, eremita, de estatura baixa, cor clara. Sobre sua passagem por São Paulo, o que se tem é de relatos orais, visto que era um homem voltado à solidão. Conta-se que o eremita andou fixando cruzeiros por onde passava, e numa determinada região chegava ao número de 14 cruzeiros, como uma via-sacra. Em Santa Catarina, Paraná (o Paraná é um enxerto dos autores) e Rio Grande do Sul, João Maria também ergueu cruzeiros com o mesmo número e com o intuito de estimular a adoração ao símbolo da fé cristã. De vez em quando participava da Santa Missa e aproveitava, depois da reza, para dirigir umas palavras aos que ali se encontravam. Nenhuma inovação tentou introduzir e não impunha nada do que pregava, simplesmente aconselhava.

Sua passagem pelo Sul foi registrada, com cidades atualizadas e confirmadas, no Paraná (Lapa, Ventania, Londrina, São Jerônimo da Serra, Curiúva, Tibagi, Rio Negro etc.), em Santa Catarina (Lages, Mafra, Bela Vista do Toldo, Canoinhas, Porto União, Videira, Matos Costa etc.) e Rio Grande do Sul (Santa Maria, Lagoa Vermelha, etc.). Sobre o que se tem e o que se diz desse Monge, acredita-se ser mais importante às questões relacionadas às suas atividades e às doutrinas que pregava. Para isso, tem-se um trecho, citado por Cabral (1960), de um depoimento de Felicíssimo, que assistiu às pregações do Monge no Campestre (RS). Os visitantes e romeiros que por ali passavam armavam suas barracas numa fraternidade. Os doentes que se chegavam eram de todos os tipos: uns procuravam a cura, outros apenas um alívio para suas enfermidades. Eram pessoas que vinham de Santa Catarina, do Paraná, de São Paulo, do Uruguai e da Argentina buscando a cura nas águas milagrosas do Campestre.

Assim começou uma nova fase à vida de João Maria, visto que antes era tido apenas como ermitão, solitário que vagueava pelas estradas; agora estabelecia uma capela aonde acorriam diversas pessoas de diferentes lugares em busca do conforto de suas palavras. João Maria se havia retirado para São Paulo, ou fugido, pois soube que havia sido dada uma ordem para prendê-lo, ordem vinda da suposição do presidente do Rio Grande do Sul, Soares de Andréia, de que aquela multidão de sofrendores viesse a tornar-se um foco de fanáticos perigosos. Apesar dessa “fuga”,

João Maria foi preso em São Paulo e deportado para o Rio de Janeiro, findando assim sua passagem pelo Rio Grande do Sul (CABRAL, 1960).

Não se sabe quanto tempo ficou no Rio de Janeiro; o que se sabe é que por volta de 1850, aproveitando o caminho dos tropeiros, João Maria se instalou nas proximidades da cidade da Lapa (PR). Nesta cidade encontrou repouso numa grutinha junto de um filete de água cristalina, onde aconselhava, com rezas, e curava as enfermidades e moléstias por meio de chá de vassourinha. E como não poderia ser diferente, também na Lapa, acorreram ao Monge pessoas esperançosas de milagres, vindas de todas as partes. Das pessoas que a ele vinham não aceitava nada, e o que lhe davam em excesso, de imediato distribuía aos pobres (CERQUEIRA, 1919).

Por volta de 1851, o Monge atingiu Rio Negro (PR) e Mafra (SC) em busca de um novo refúgio mais tranquilo e menos exposto. Como recusava a hospedagem oferecida pelos moradores e, como ali não havia gruta, abrigou-se sob as árvores. E mesmo ali também aconselhou e fez suas práticas. O tempo em que o Monge esteve em Mafra não se sabe ao certo, como também os caminhos que tenha tomado. São relatos incertos como muitos pontos da vida deste piedoso e misterioso personagem. Após algumas aparições em Lages, João Maria teria retornado à São Paulo, onde viveu mais algum tempo meditando, rezando, até que, em 1870, desapareceu para sempre. Onde e quando morrera não se sabe bem ao certo, como suas rotas pelo sertão do Brasil. Sabe-se apenas que passou sem ter feito qualquer coisa de mal; ao contrário, pregou o bem, dividiu tudo o que tinha e ganhava (FRAGA, 2005).

Do segundo Monge, **João Maria de Jesus**, que apareceu na área de Serra-Acima entre o Iguaçu e o Uruguai, tem-se informações seguras a partir da revolta de 1893, conhecida como Revolução Federalista, quando surgiu junto aos soldados maragatos no vale do rio do Peixe, conforme relata Ângelo Dourado,⁶ em seu livro “Voluntários do Martírio”, sobre a retirada das tropas revolucionárias de 1893 de volta ao Rio Grande do Sul, após transpor o rio do Peixe (FRAGA, 2005).

Pelos relatos de Ângelo Dourado pode-se dizer que aquele monge não era João Maria de Agostini. Em todo meio século anterior, nem uma só vez foi encontrado carregando uma bandeira, fazendo profecias nem manifestando preferências políticas. Mas não bastasse isso, pudesse a proclamação da República ter-lhe transtornado as ideias, em qualquer hipótese não poderia ser, aos noventa e três anos, “homem ainda moço”, quando já aos 43 anos trazia grisalhos o cabelo e a barba. Do que não se tem dúvidas é que próximo ao rio do Peixe e do rio Uruguai, fosse em território gaúcho, paranaense ou de Santa Catarina, todas essas redondezas eram zonas de influência do Monge (CABRAL, 1960).

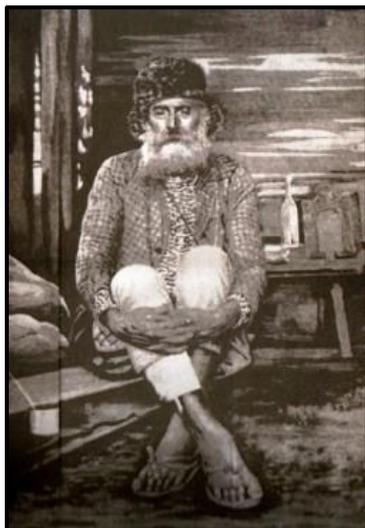
Esse segundo Monge, João Maria, teria feito o seu aprendizado no Campestre, ouvindo o que de Agostini se dizia, tomando conhecimento de seus hábitos e, finalmente, adotando a personalidade do antigo monge, tomando sobre si a incumbência de prosseguir nos passos de Agostini. Porém não era contemplativo como o Agostini; ao contrário, sendo mais moço, era homem de ação e entrou a palmilhar os sertões de Santa Catarina e do Paraná, como as campinas gaúchas por onde a fama de seu antecessor já se estendera, fama esta que foi passada de monge a monge (CABRAL, 1960).

Sua ação no Sul do Brasil despontou durante a Revolução Federalista (1893-1895). O Monge foi mais atuante nesse período inicial da República, quando crescia o poder dos latifundiários e dos grupos políticos locais, submetendo duramente a população rural do país. Desamparados, sem terem a quem recorrer, os pobres sertanejos viam no monge o consolo para seus males e acabavam seguindo seus conselhos, que para este povo servia muito mais do que remédios ou bênçãos dos padres da região. Não se tem dúvida de que algumas das atitudes do segundo monge eram semelhantes às do primeiro. Não aceitava dinheiro, não se agasalhava sob o teto, preferindo a copada das árvores. Não se recusava em falar ao povo que o cercava (FRAGA, 2005).

Entretanto, a sua medicina era a mais pobre possível, quando não aconselhava as imersões nas águas frias das fontes junto às quais pousava, para os males maiores, indicava sempre as infusões de vassourinha do campo, até hoje conhecida no planalto por “erva ou vassourinha de São João Maria”. A imagem mais conhecida do monge está contida na Foto 01, e com as “Virgens” na Foto 02, sendo que a primeira pode ser encontrada em muitas casas da Região Sul do Brasil, bem como nas suas grutas, cruzeiros e olhos d’água.

Este João Maria desapareceu nos primeiros anos do século XX, por volta de 1908. Uns disseram que morreu no hospital de Ponta Grossa, no Paraná; outros, que a sua sepultura fora cavada em Lagoa Vermelha, no Rio Grande do Sul. Mas os verdadeiros crentes, que eram a quase totalidade dos sertanejos da área, acreditam que ele apenas se havia retirado: “O grande santo, o São João do Evangelho, não pode morrer. Ele se retirou apenas, para provar os seus fiéis, vivendo por prazo indeterminado, encantado no morro do Taió (morro que se localiza no Vale do Itajaí, hoje município de Santa Terezinha), até chegar o tempo de aparecer de novo, para por tudo em ordem” (FRAGA, 2010).

FIGURAS 01 e 02: O Monge João Maria e o mesmo com as “Virgens”.



Fonte: O Monge sozinho, desconhecida autoria, e acompanhado, Claro Jasson.

Por volta de 1911, na serra catarinense, em Campos Novos, apareceu um “curandeiro de ervas”, exatamente no mesmo local onde, pouco antes, se dizia ter reaparecido o Monge João Maria. Apresentava-se como **José Maria de Santo Agostinho**. Era um caboclo de cabelos lisos e compridos e barba espessa. Vestia-se de brim ordinário e, como um caboclo qualquer, costumava andar descalço. Às vezes usava tamancos com meias grossas que lhe prendiam a boca das calças. Tinha dentes manchados de nicotina, devido ao cachimbo que frequentemente pitava. Usava um boné de pele de jaguatirica adornado de penacho e fitas, muito parecido com o do velho João Maria. Quando lhe perguntavam se era parente do Monge João Maria, ele não dizia sim nem não, deixando no ar a ligação com a figura tão lembrada naquelas paragens. Muitas vezes era identificado como irmão do antigo monge e se calava, pois isso o tornava mais procurado e querido pelos sertanejos (FRAGA, 2010).

Miguel Lucena de Boaventura – como se descobriu mais tarde ser o seu verdadeiro nome – apareceu para continuar a pregação do monge que deixou grande fama no Contestado, reiniciando o apostolado deste. Ex-soldado do Exército de onde foi desertor, ou da força policial do Paraná, conforme contam outros, não possuía, ele, a mesma constituição mística dos monges que o antecederam. Era menos rigoroso nos seus hábitos, não apreciava o isolamento, não se recolhia para colocar-se em contato com o criador, não se mortificava nem fazia penitências.

Duas notícias fizeram com que sua fama se espalhasse. Primeiro, falou-se que tinha ressuscitado uma jovem – talvez vítima de catalepsia, doença que faz a pessoa ficar temporariamente paralisada, como se tivesse morta. Mais tarde, disseram que fez sarar a esposa

do Coronel Francisco de Almeida, que sofria de mal que se acreditava incurável. O rico proprietário ficou tão agradecido ao monge que lhe ofereceu em recompensa muitas terras e grande quantidade de ouro. Para espanto geral, José Maria recusou tudo isso. Passou então a ser considerado um homem santo, que vivia apenas para curar e ajudar os mais necessitados (FRAGA, 2010).

O Coronel Francisco de Almeida foi mais longe. Decidiu dar guarida ao monge, recebendo também em sua fazenda em Curitiba todos aqueles que fossem à procura de auxílio e conforto junto a José Maria. A quantidade de pessoas que a partir de então se dirigiu à fazenda era tão grande que o coronel tinha de mandar matar um boi por dia para alimentar toda aquela gente.

O número de pessoas que acorriam a José Maria aumentava cada vez mais. Depois de algum tempo, José Maria resolveu sair da sede da fazenda e ir para um local mais afastado (Taquarussu), levando consigo todas as pessoas que estavam ali à espera. Nesse lugar, também nas terras do Coronel Francisco de Almeida, ele formou um arraial onde montou uma “clínica” e uma farmácia de ervas, a Farmácia do Povo. Para lá iam todos os que procuravam pedindo conselhos e receitas, que eram passadas como receitas médicas, escritas em papel e entregues sempre acompanhadas de orações. O atendimento era gratuito, mas quando o doente tinha recursos, pagava uma taxa de dois mil réis. O dinheiro era aplicado na expansão da própria farmácia (CAPANEMA, 1919).

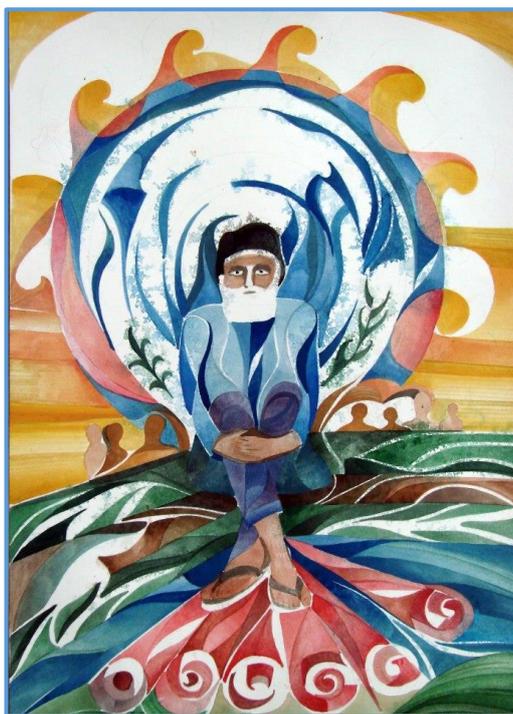
Segundo Cabral (1960), tem uma fotografia de José Maria em que apresenta o monge como um homem bem nutrido, de pernas sólidas, sentado, tendo um facão entre os joelhos. A barba cerrada, o olhar vivo, o nariz largo, de ventas grandes, um pouco achatado, tem mais o aspecto de um homem do Nordeste do que das regiões sulinas. José Maria esteve durante quase um mês em Taquarussu. Nesse arraial, ao qual deu o nome de Quadro Santo, organizou um grupo dirigente, de caráter político-religioso, denominado por ele de Os Doze Pares de França. Era uma alusão aos doze cavaleiros que acompanhavam o imperador Carlos Magno, na Idade Média, segundo o livro História de Carlos Magno e os doze pares de França, que carregava consigo e que lia sempre para seus seguidores, contava histórias de feitos heróicos e transmitia mensagens religiosas em que o bem sempre vencia o mal.

Nessa ocasião, José Maria proclamou a Monarquia Celeste e coroou imperador Manoel Alves da Assunção Rocha, um fazendeiro analfabeto e muito rico. Essa monarquia seria administrada pelo monge de acordo com as tradições da cavalaria medieval. No Quadro Santo, todos seriam irmãos, a propriedade seria comum e o comércio totalmente proibido, sob pena de morte. Todos fariam parte de uma grande Irmandade. Esses fatos são pouco conhecidos e

cercados de dúvidas. É difícil comprovar a maior parte do que se falou sobre a ação de José Maria e sua Monarquia Celeste em Taquarussu. O certo é que o Coronel Chiquinho de Albuquerque – preocupado com o ajuntamento de Taquarussu e temendo o crescimento político do Coronel Henriquinho, seu opositor – telegrafou ao governador de Santa Catarina, comunicando que “fanáticos” haviam proclamado a monarquia nos sertões de Taquarussu (CAVALCANTI, 1983). Tais fatos dariam início a carnificina que fora a Guerra do Contestado, depois de um massacre promovido pela Polícia de Santa Catarina, com o auxílio do Exército – ficando conhecido como Massacre do Taquarussu, ocorrido em 1913.

A seguir apresentamos a aquarela que ilustra o monge, nesse caso, o santo, o primeiro:

AQUARELA 01: Monge João Maria – Fé e Esperança Cabocla.



Pintora: Márcia Elizabete Schüler, 2012.

Pregador ou charlatão, curandeiro ou apóstolo, santo ou guerreiro, como diria Nilson Thomé (1992), a figura do monge permanece até hoje no imaginário coletivo da população envolvida na causa⁷ do Contestado. Esse ‘santo’ não foi um homem, foram vários que confundiram e entrelaçaram suas vidas para se tornarem apenas um santo. Em alguns lugares, como Porto União (SC) e União da Vitória (PR) a crença no monge ainda faz parte do cotidiano, seja nos batismos nas fontes de água, seja na visitação à Gruta do Monge ou o Morro da Cruz, ou mesmo nas histórias contadas.

O messianismo, crença em um redentor, emerge quando o povo clama por justiça. Assim sendo, o Contestado foi também um movimento messiânico e os responsáveis por disseminar essa crença popular da volta do Messias foram os monges, contribuindo também para a construção da identidade religiosa da população do Contestado. Outro espaço de forte referência à figura do monge encontra-se nos campos Irani (SC), onde uma singela cruz de madeira fincada no chão marca o local aproximado onde foi enterrado – numa tábua rasa, para facilitar a ressurreição – o monge guerreiro. Trata-se de um lugar não-sagrado, que ao contrário de Porto União, não recebe romarias de pedidos e agradecimentos. Deveras, é o local de descanso eterno do monge – onde está a carneira de Zé Maria, aquele, que no dizer popular, queria o bem.

A Representação da aquarela, apresentada anteriormente, evidencia a percepção da sociedade presente, neste tempo e solo político. Trata-se de um culto ou crença religiosa usada pela população do Contestado em suas conversações cotidianas, que, por intermédio do senso comum, buscam explicar as coisas do mundo. A importância dos monges foi revelada, sobretudo em tempos de crise e insurreição, e nas contribuições de Moscovici podem ser vistos como “sábios ou professores amadores”, ainda vivos na memória local e importantes figuras religiosas na região do Contestado.

A Paisagem Contestada: O equilíbrio entre o ator social caboclo e a mata de araucárias

Nos Campos do Planalto, em meados do século XIX, fundaram-se fazendas de todos os tamanhos; em algumas havia a necessidade de uma viagem de três dias para ir de ponta a ponta. Nelas pastavam mais de 20.000 cabeças de gado. Esses latifúndios tinham recursos para resistirem aos ataques dos índios (FRAGA, LUDKA, 2012). Nas fazendas, menores, não havia escravos e nem peões: os trabalhos eram realizados pelo próprio criador, sua mulher e filhos. Estes não possuíam nenhum meio de defesa, ao contrário do grande proprietário de terras.

Tanto as grandes fazendas como as pequenas necessitavam manter uma dose de autossuficiência. Fora o gado, criavam porcos e galinhas, plantavam milho e feijão, às vezes trigo e cevada. Os únicos produtos de fora eram o ferro e o sal. A roça dos caboclos que ocupavam a região do Contestado era à base de milho. Desse, extraía-se a farinha de milho. Sua base alimentar, antes das investidas no Contestado, era a canjica, a farinha de milho com feijão, quirera com um naco de carne, quando havia – eis os pratos de todos os dias. Quando faltava a comida, o chimarrão era tomado desde cedo, confortava o estômago, além do mel de abelhas, extraído nas matas (FRAGA, LUDKA, 2012).

Auras (1995) apresenta a delimitação da área de litígio do Contestado: “Ao sul do rio Iguaçu e ao norte do rio Uruguai, numa área de aproximadamente 28 mil km² do território

interiorano catarinense, viviam, na época que circunda a Proclamação da República (1889), poucos milhares de pessoas” (p. 24) e estas estavam espalhadas por campos e matas ou ainda agrupadas nas sedes e distritos dos municípios. Esses campos ou matas onde esses milhares de pessoas viviam eram dominados pelo pinheiro (Araucária) e pela erva-mate, além de outras espécies de árvores e vegetação nativa que contribuíam para alimentar a criação criada à solta.

Thomé (1981) ao se referir à vegetação predominante no Contestado coloca que existem os campos sujos e os campos cerrados, sendo que, de modo geral “80% da vegetação corresponde à Floresta da Araucária, também conhecida por ‘Araucarilândia’, onde predomina a linda árvore, de forma de cálice: o pinheiro brasileiro, que tem o nome científico de ‘araucária angustifolia’” (p. 16). Esse tipo de floresta desenvolveu-se na região de solo sílico-argiloso e clima temperado, ou seja, desde o sul do planalto paulista até o norte do Rio Grande do Sul, numa altitude que oscila entre 600 e 1.200 metros.

Avé-Lallemant (1980) descreve em suas narrativas de viagem essa região:

[...] a região conserva a mesma fisionomia. Tal como no planalto de Santa Catarina, descortina-se até aonde a vista alcança, um desordenado campo de relva, mesclado com muitas singenesias, paisagem erma, sem alegria, na qual ininterruptamente, ora aqui, ora ali, aparecem araucárias, como principais representantes da vegetação, embora atenuadas frequentemente por matas verdes. (p. 263-4).

Oliveira (1985) coloca que nos planaltos frios do sul as associações da vegetação se tornam mais homogêneas, as folhas se afinam: “Referimo-nos às matas de pinheiros e ervais (*Ilex paraguariensis*) intercaladas de cedros e de grande variedade de lauráceas, entre as quais se destaca a imbuia, de tão apreciável aproveitamento” (p. 32). Ainda, segundo o autor, na estação do outono, a araucária desprende “o pinhão, precioso sementículo que serve de alimento para o homem, para vários animais domésticos e selvagens” (p. 32) ressalta ainda a exploração da madeira desta variedade, em face da sua abundância e rentabilidade. Além da exploração da madeira, a exploração do mate era marcante na região e tida como fonte de renda da grande maioria da população que vivia no Contestado.

A Mata com Araucárias e a região dos campos – paisagens características do Sul do Brasil – se apresentavam como aliadas aos caboclos durante o conflito. A aquarela acima, intitulada “Anfêmero” ilustra o cotidiano nas terras Contestadas, evidencia a presença do Pinheiro e os caboclos brotando da “terra” – causa de sua luta. As tonalidades de cores destacam o sangue e o sofrimento, a ausência de rostos representa a diversidade de populações envolvidas no conflito. Em síntese, demonstra toda a complexidade paisagística regional do Contestado, uma representação da íntima relação dos caboclos no seu meio natural, onde tudo é visível e invisível

ao mesmo tempo, quando se considera que o Contestado, terra e causa, foi lançado numa secular invisibilidade e silêncio, imposto pela República repressora e vencedora.

A aquarela seguinte retrata e ilustra a paisagem do Contestado, com destaque para as Araucárias:

AQUARELA 02: Anfêmero.



Pintora: Márcia Elizabete Schüler, 2012.

Seguindo as contribuições de Moscovici, percebe-se que se estabelece uma convenção de pessoas e acontecimentos, os locais ganham forma, localizam-se em categorias, onde a Representação Social é prescritiva, ou seja, imposta e resultado da estrutura em que se está presente, é o ajuste dos sistemas perceptivos ou cognitivos. Ao se observar o Contestado, a presença da mata com Araucárias e do caboclo se torna evidente e se apresenta como um misto que ilustra a paisagem da região e um pouco do modo de vida regional.

O dragão de fogo do Contestado: exploração estrangeira e sofrimento caboclo

Dentre todas as simbologias materiais e visíveis do Contestado, o trem representa uma das mais significativas, o trem representa o “dragão que cospe fogo”, sobretudo ao olhar inocente do caboclo. Grande parte das antigas estações ferroviárias já não existe mais, algumas foram demolidas, outras queimadas e outras ainda se deterioraram com o passar do tempo e a falta de interesse em sua manutenção. Entretanto, em algumas estações da antiga ferrovia encontram-se museus que contam a história local e regional. A estação ferroviária União chama a atenção por dividir dois municípios (e estados) de uma maneira particular. Construída sobre a linha do trem, mantém o estilo arquitetônico nos dois lados da ferrovia: Porto União (SC) e União da Vitória (PR), o intuito é a integração, a “União”, presente inclusive nas nomenclaturas das cidades.

Dessa forma, “no caso do Contestado, a expansão ferroviária com a construção da Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande e a instalação da indústria madeireira moderna, a

Southern Brazil Lumber and Colonization, foram decisivas para a deflagração do movimento” (PEIXOTO, 1995, p.10). Acrescentando-se que tais fatos foram decisivos para a configuração dos territórios dos estados do Paraná e de Santa Catarina.

Os camponeses desta região litigiosa viam na República a lei do diabo, uma vez que durante a Monarquia eles viviam ali, em liberdade, cultivando a terra e extraindo as riquezas das florestas que compunham o interior catarinense. A imposta República chegou trazendo consigo novas medidas de ocupação desta região. Nesta nova “ordem”, o homem que vivia livre no interior teve seus direitos, aqueles que lhe permitiam usar as terras comunais, modificado por modelos voltados aos grandes investimentos internacionais de extração de madeira, de erva-mate e de ocupação do território. Esses “homens livres” logo se tornaram um problema para os “novos donos” da região. Aqui, a maior expressão fica por conta da *Lumber Company*, que ganhou o direito de explorar, para desenvolver, a então região contestada. (FRAGA, LUDKA, 2012).

Companhia forte e economicamente poderosa, a Lumber mantivera no seu quadro funcional um pequeno contingente de segurança, que tinha a finalidade de manter a seguridade dos seus investimentos. Esse “pequeno exército da Lumber” impôs, a ferro e fogo, os direitos da companhia, que chegou ao status de ser a maior madeireira da América Latina. Deve-se ter em mente que os sertanejos do contestado desejavam um poder político novo, a sua monarquia, para contrapor a república dos coronéis. A aventura desses camponeses, que buscavam garantir os seus direitos sobre a terra, teve um desfecho final trágico: morte e sangue de centenas de milhares de crianças, jovens e velhos, homens e mulheres. Foi isso que a república pôde garantir a esses brasileiros, que queriam apenas os seus direitos de terras. (FRAGA, LUDKA, 2012).

Cabral (1960) coloca que:

O caboclo da região, valente embora humilde, foi ainda vítima de mais uma injustiça. Sobre o vale do Rio do Peixe, em terras devolutas, instalara, aqui e além, o seu rancho, a sua pequena roça. Vivía rudimentarmente, esquecido no meio do mato. Lembraram-se dele, entretanto, para expulsá-lo das terras que ocupara. A concessão feita à São Paulo-Rio Grande, de quinze quilômetros de cada lado da linha, desalojou os intrusos, posseiros de muitos anos, das terras marginais. (p. 384-385).

Dessa maneira, a empresa “ganhou na justiça dezenas de ações locais contra os que pretendiam valer-se, diante de seus pretensos direitos, do usucapião. Uma onda de horror varreu todo o território” (VINHAS DE QUEIRÓS, 1977, p. 73).

A aquarela seguinte ilustra o trem de sangue, pois a exemplo da Madeira Mamoré, no Norte do Brasil, a EFSP-RG, no Sul, representou a entrada da modernidade, do capitalismo monopolista, por meio do sangue dos que viviam no seu caminho, ou trilho, tudo dado a um

mesmo mega empresário, Percival Farguhr, no Contestado e na Amazônia, assim como noutros lugares, abrindo, sempre, caminhos de sangue sobre florestas, sobre sertanejos brasileiros:

A aquarela do trem permite divagar acerca de duas realidades no Contestado: a chegada da modernidade e a destruição da floresta – duas representações distintas, mas que convivem na região. Durante a construção da ferrovia acreditava-se que a modernidade havia chegado às terras contestadas, entretanto, a Mata com Araucárias nunca mais foi à mesma, assim como a vida do caboclo também se modificou frente à tamanha devastação – ambos foram devastados com esse *choque de modernidade*. Na representação acima, o sangue que verte dos trilhos do trem, as cruces verdes do fundo e a madeira cerrada demonstram a realidade do pós-chegada do capital estrangeiro, havia, inclusive um dito popular, reconhecido até hoje, que dizia: tudo pertence à companhia estrangeira. Nas palavras de Moscovici, são esquemas facilmente transmitidos, visto que além de estarem na paisagem estão na memória das pessoas. Nesta aquarela também fica claro um dos papéis da Representação Social: o de convencionar objetos, ou seja, é o universo consensual construído a partir da vivência cotidiana, ainda desprovida de conhecimento científico, mas fortemente vivenciada pela população local que, ainda neste centenário, convive com as consequências do conflito, em especial com a destruição da floresta.

AQUARELA 03: Trem de sangue.



Fonte: Pintora Márcia Elizabete Schüler, 2012.

A invasão do território caboclo e as consequências para a região contestada

Auras (1995) afirma que “[...] não há documentos escritos pelos caboclos. Há, entretanto, a presença inegável do próprio caboclo que fez o Contestado” (p. 21). Sendo que, para este, o homem errante do planalto, órfão do Estado, “não fazia a menor diferença se o chão por ele

pisado pertencia ao Paraná ou a Santa Catarina” (p. 127). Para a autora, isolados no interior e postos à margem do processo de desenvolvimento econômico, não dispendo de forças políticas, criaram um forte quadro de resistência ao despótico poder vigente, porém, a “superioridade numérica que apresentavam e o maior conhecimento geográfico da área, apenas tiveram o efeito de retardar o duro e inevitável fim de sua renhida disposição de construir aqui um mundo melhor” (p. 155). Coloca ainda que é inegável que os caboclos foram protagonistas da história ao longo da Guerra e que o conflito armado ocorreu como resposta “do poder republicano à ousadia dos sertanejos de procurar fazer frente ao avanço das relações capitalistas na região” (p. 169).

Considerando a hierarquia social que existia na região do Contestado à época anterior e durante o conflito, os caboclos estavam “abaixo dos criadores, menos considerados que eles, achavam-se os lavradores” (p. 46) e nesta categoria, incluíam-se os caboclos que viviam de suas roças, os pequenos plantadores de tabaco, os criadores de porcos, a grande massa de colonos estrangeiros (alemães, polacos e rutenos) e os empreiteiros do mate.

Thomé (1981) apesar de toda dificuldade em caracterizar biologicamente o caboclo afirma que persiste, ainda, “na região do Contestado, um tipo humano classificado como ‘mameluco’ na etnia brasileira – o caboclo – resultado da mescla das raças dos conquistadores europeus com os índios, desde o Século XVI” (p. 05). Para o autor, encontra-se no Contestado diversos tipos de caboclos, desde aqueles já quase descaracterizados que tem “suas raízes na mescla de índios paulistas com portugueses, até os mamelucos praticamente puros, descendentes dos grupos Gê, incluindo-se ainda os que são frutos de cruzamentos dos acima citados entre si” (p. 55) e observando o “modus vivendi” do caboclo do Contestado verifica que ao lado dos usos e costumes originários dos europeus há também forte influência de tradições indígenas. Dessa forma, para “enfrentar as adversidades da floresta” (p. 62), o caboclo incorporou tanto as tradições de origem ibérica (luso-espanhola), quanto do tradicionalismo dos penetradores caipiras paulistas, do comportamento dos gaúchos dos pampas e ainda recebeu forte influência indígena, o que somado veio a “construir um novo tipo humano, personagem típico do Contestado” (idem).

Oliveira (1985) acrescenta que guardadas as devidas diferenciações do meio, o agregado dos planaltos catarinenses “não representa outra coisa senão o peão das estâncias das planícies onduladas do extremo sul, o gaúcho verdadeiro, cujo porte altivo e indumentária pitoresca tem servido para a composição de maravilhosas páginas literárias” (p. 42), sendo que no fundo não passa de uma “simples peça ajustada ao sistema baseado nos velhos moldes da economia pastoril dos campos meridionais” (idem). Para o autor, o caboclo dos planaltos enrijado na luta contra as

asperezas do “habitat” e atormentado por uma sociedade incipiente e amorfa pode ser considerado um forte, ressalta que “O facão também lhe serve de arma, notadamente nas zonas rurais. É seu grande aliado, sobretudo, nas áreas de mata, quando corta a erva-mate, faz picada ou sangra o porco” (p. 62-63).

Oliveira (1985) acrescenta que nos planaltos catarinenses o sertanejo desenvolve outras atividades:

[...] é fazedor de erva-mate, é extrator de madeira, ou é ainda um pequeno agricultor. Embora não se dedique preferencialmente à lavoura, e esta é sempre rudimentar e primitiva, não escapando à influência dos métodos indígenas de queima da mata e encoivramento, procura manter uma lavoura de subsistência em que não faltam o milho, o feijão, a batatinha ou a moranga. [...] a economia de coleta tem sido sempre mais cômoda para o caboclo. Assim sendo, facilmente opinou pela extração da ‘ilex’ e a exploração do pinho (p. 64).

Paulo Pinheiro Machado (2004) oferece sua contribuição a essa discussão acerca do entendimento do caboclo enquanto ator social ao colocar que utiliza a palavra para designar o habitante pobre do meio rural, entretanto, ressaltando que a característica principal da palavra é que distingue uma condição social e cultural, ou seja, “são caboclos os homens pobres, pequenos lavradores posseiros, agregados ou peões que vivem em economia de subsistência e são devotos de João Maria” (p. 48).

A aquarela seguinte retrata os caboclos e as consequências do conflito para esta população, um uma forte influência do verde, da cruz cabocla, do vermelho do sangue que simboliza todo o genocídio do Contestado, a própria paisagem de manchada de sangue de outrora, mas chama a atenção o azul do céu ao fundo, que remete diretamente aos ensinamentos do Monge, que no fim todos ficariam iguais, na corte celeste:

AQUARELA 04: Tribulação.



Pintora: Márcia Elizabete Schüller, 2012.

Nesta gravura, o caboclo aparece representado novamente sem rosto, abraçado à Cruz Verde (símbolo do conflito) e rodeado de cruces e sangue. Trata-se de uma representação do sofrimento deste ator social que teve que dividir e até ceder seu território ao capital estrangeiro e à imigração.

A Guerra do Contestado reuniu, no mesmo tempo e no mesmo espaço geográfico, mais de 30 mil pessoas – habitantes da região na época –, desde fazendeiros, em defesa de suas propriedades, até posseiros tentando se manter em terras devolutas, “fanatizados” por promessas messiânicas, e oportunistas que viam no movimento ocasião para exercerem pressões políticas acerca dos limites disputados entre Santa Catarina e o Paraná. A guerra durante quatro anos ceifou a vida de milhares de sertanejos.

Saint-Hilaire (1936) ao se referir à imigração coloca que:

O governo brasileiro deve favorecer de preferencia a immigração de agricultores, porque o Brasil é um paiz essencialmente agrícola, possui uma enorme extensão de terras a distribuir e os camponeses europeus são mais laboriosos, menos inconstantes e menos amoraes que os habitantes das cidades (p. 40).

Várias foram as correntes migratórias com destino ao sul do Brasil e numerosas também foram as adversidades encontradas pela leva de imigrantes. Thomé (1981) acrescenta que:

Os Xokleng nas matas e os Kaingang nos campos eram considerados inimigos a vencer e não amizades a conquistar. Após a independência, pecou o Governo Imperial ao adotar a política de promover a imigração de europeus para o Sul do Brasil, de incentivar a implantação de fazendas de criação, de interligar por estradas os pequenos centros urbanos que surgiam, esquecendo-se de, simultaneamente, desenvolver um plano que atendesse os interesses dos moradores naturais, seja respeitando sua natividade, seja integrando-os à nova civilização, aproveitando-os no processo de povoamento e desenvolvimento (p. 36-37).

O mesmo autor coloca ainda que depois de criada a Província do Paraná em 1853, “nesta também concederam terras aos imigrantes, cujas colônias chegaram quase aos campos de Palmas, adentrando no território Contestado, ao Sul dos rios Negro e Iguaçu” (p. 37-38).

A “*Brazil Railway* criou uma nova companhia, a ela subordinada: A *Southern Brazil Lumber and Colonization Company*” (VINHAS DE QUEIRÓS, 1977, p. 73). Esta subsidiária comprou os 180 mil hectares ao sul dos rios Negro e Iguaçu, próximo de Canoinhas, ao preço médio de 15 mil-réis o hectare e dessa forma, a *Lumber* “loteou e começou a vender a colonos estrangeiros ao longo da estrada de ferro, depois que dali tinham sido expulsos os posseiros e antigos proprietários (p. 74). O mesmo autor reproduz uma escrita de um jagunço à lápis na porta de

uma venda na estação São João e que retrata a indignação do caboclo frente à ação da companhia estrangeira: “O governo da República toca os Filhos Brasileiros dos terrenos que pertence à nação e vende para o estrangeiro, nós agora estemo disposto a fazer prevalescer os nossos direitos” (p. 179).

Dessa maneira:

Colonos de origem alemã e, posterior e secundariamente, italianos e poloneses, oriundos dos Estados do Rio Grande e Paraná, foram atraídos pelas propostas da empresa, fixando residência nas férteis terras ao longo do vale do Rio do Peixe. Vários núcleos coloniais foram ali criados. É claro que, a esta altura, o corpo de segurança da Companhia já havia varrido da região, de forma sumária e definitiva, todos os posseiros, inclusive aqueles mais renitentes (AURAS, 1995, p. 43).

Oliveira (1985) acrescenta que para agravar o panorama turbulento e inseguro da chamada região do Contestado, despontava “o afrouxo de correntes migratórias estrangeiras, principalmente eslavos e alemães que se procuravam nuclear em colônias amparadas pelos poderes públicos” (p. 54).

Machado (2004) fala sobre o silêncio e sobre os vazios demográficos deixados como resultado do conflito. O silêncio foi “reforçado no vale do Rio do Peixe e no meio-oeste catarinense, pela colonização de vastas regiões, ocorridas nas décadas de 1930-1940, por colonos gaúchos de origem alemã e italiana” (p. 42) e os vazios demográficos devem-se (entre outros fatores) à violência na fase final do conflito, esses lugares foram “preenchidos por pequenos agricultores de origem europeia, formando algumas cidades (como Videira, Fraiburgo e Treze Tílias)” (idem), ocorrendo algo que o autor chama de *apartheid* social e étnico entre a população branca que era tida como disciplinada e economicamente remediada e a antiga população cabocla que era conhecida como indolente, turbulenta e pobre. Ainda segundo Machado (2004), normalmente “a população ‘branca’ precedia a eliminação dos bugres das regiões recém-ocupadas como forma preventiva de ‘limpeza do terreno’” (p. 58).

Portanto, não haveria como se representar o mundo caboclo do pós-conflito sem a presença das cruces e do sangue, o que Moscovici chamaria de representar uma realidade.

A expulsão cabocla do seu próprio território

Santos (2007) auxilia no entendimento do território do caboclo ao afirmar que “o território é o lugar que desembocam todas as ações, as paixões, os poderes, as forças, as fraquezas, isto é, onde a história do homem plenamente se realiza a partir das manifestações da sua existência” (p.13). Antes do conflito, o caboclo já imprimia na região do Contestado sua identidade territorial, suas marcas simbólicas, suas próprias construções históricas.

Esta identidade territorial só se efetiva “quando um referente espacial se torna elemento central para a identificação e ação política do grupo, um espaço em que a apropriação é vista em primeiro lugar a partir da filiação territorial” (HAESBAERT, 2007, p.45) e, no Contestado, essa identidade territorial imbrica fatores como a diferenciação socioeconômica e cultural dos caboclos para com esse espaço, o qual era, por eles e anteriormente ao conflito, territorializado.

Assim sendo, concorda-se com Raffestin (1993) na medida em que o território e o espaço não são termos equivalentes, o espaço é anterior ao território. O território se forma do espaço e é o resultado da ação de um ator sintagmático, ou seja, esse ator territorializa o espaço. O espaço anterior ao conflito do Contestado era também o território do caboclo, o qual é desterritorializado após a guerra, ficando a incógnita acerca de seu espaço contemporâneo na região. Nota-se, em contraponto e até em descompasso, que algumas cidades apagam a história do conflito, e numa limpeza histórica tornam invisível o caboclo, negando os acontecimentos anteriores à presença da imigração. É o caso dos municípios catarinenses de Friburgo, Videira, Iomerê, Salto Veloso, Treze Tílias, por exemplo, onde a Guerra do Contestado parece não ter existido e a figura do Homem do Contestado não é mais vista, nem no imaginário, nem na materialidade. É a constante reconstrução do território, na medida que se vai destruindo o território e a territorialidade cabocla, num processo retorritorializante secular.

Dessa forma, percebe-se hoje o caboclo do Contestado por meio de suas permanências e da invasão do seu território. O ator social que desencadeou uma guerra sobrevive na memória de alguns, onde a necessidade da população ajudou a materializar as passagens do conflito, como Porto União (SC), União da Vitória (PR), e as cidades catarinenses de Matos Costa, Calmon, Caçador e Irani, ao passo que outras cidades, também catarinenses, como Friburgo, Videira, Iomerê, Salto Veloso, Treze Tílias, apagam a história da guerra para dar vida a um espaço externo, imigrante.

AQUARELA 05: Subtraídos - Expulsão.



Pintora: Márcia Elizabete Schüler, 2012.

A aquarela seguinte foi selecionada devido ao seu caráter de multiplicidade (se não, multiterritorial) e por acreditar-se ser a melhor representação do período pós-conflito. Num primeiro olhar pode ser vista como uma família que abandona seu território e parte para a busca de um novo futuro. Entretanto, alguns elementos chamam a atenção, como a presença da madeira cortada que também pode ser entendida como rostos de pessoas, e ainda a enxada que também pode ser interpretada como uma arma. A seleção desta aquarela permite concluir que o Contestado é justamente esta multiplicidade e, tanto antes como hoje, multiterritorial: de atores, de fatos, de olhares, de interpretações, o que certamente pode ser bem focado partindo das contribuições da Representação Social de Moscovici, uma importantíssima ferramenta para se compreender a região do Conflito:

Quando se analisa esta aquarela se deve levar em conta no que concerne à repercussão da Guerra do Contestado sobre o espaço agrário regional, faz-se importante lembrar que o ano de 1917 é tido historicamente como o ano da “limpeza” das terras que estavam sob domínio da *Lumber* e dos coronéis (FRAGA, 2010). O nome dado à aquarela referencia também o processo ocorrido com a população local, ou seja, foram “subtraídos” e “expulsos”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como território, o Contestado não existe mais; e como acontecimento, já está bastante esquecido na história. Mas, como assunto, continua aberto à discussão. Sabemos que muito há para se descobrir, pois nem tudo foi revelado; há lacunas no passado a preencher [...].
Nilson Thomé (2002, p.146 – grifos nossos).

De que maneira concluir? São tantas as questões a refletir acerca desse assunto tão instigador de discussão, cuja conclusão não seria uma, mas numerosas. Enquanto território, o Contestado para muitos pode não mais existir enquanto produção exclusivamente cabocla, talvez tenha dado lugar a uma multiterritorialidade, expressa pelos distintos territórios que coexistem numa sobreposição, em forma de uma identidade híbrida. Embora, silenciado e esquecido na história enquanto acontecimento resulta em uma tessitura das mais entrelaçadas onde o caboclo resiste (e persiste). A paisagem evidencia as marcas da exploração estrangeira e a imigração europeia transforma seu espaço em lugar – valendo-se dos atrativos naturais e de seu próprio modo de vida “importado”. Tudo, sob o chamamento de região do “Contestado”. Enquanto assunto, se apresenta passível de muita discussão. Observando as leituras acerca da definição de “Contestado” percebe-se que o próprio termo já se revestiu de uma polissemia, sendo um objeto plural de significações (TONON, 2010, p. 39). Várias são as abordagens acerca do Contestado:

econômicas, políticas, sociais, culturais, históricas, artísticas, cada qual com sua visão e inegável contribuição.

A construção da estrada de ferro, a exploração madeireira e a imigração, juntando-se à dinâmica capitalista agrária modificaram o território do caboclo. Este ator social, agrupado em torno de ideais comuns de luta pela terra e alimentado religiosamente pela crença no Messias (AQUARELA 01), mobilizou-se e desencadeou o conflito. O resultado: a chegada da modernidade (AQUARELA 03) os ideais massacrados, a natureza explorada (AQUARELA 02) e novos povos inseridos em seu espaço (AQUARELA 05). A ele – o caboclo – resta superar a invisibilidade a qual foi submetido ou coexistir apagado por uma modernidade pautada na exploração e no estrangeirismo (AQUARELA 04). A tarefa de contar o Contestado talvez nunca seja concluída, muito já se perdeu na trajetória espaço-tempo. Entretanto, a tentativa deve ser feita. Além deste desempenho histórico, discussões acerca da abrangente relação entre território e o Contestado também devem ser pensadas ou repensadas.

Neste liquide e neste pensamento, as contribuições do romeno naturalizado francês Serge Moscovici, acerca das Representações Sociais se apresentam como uma importante ferramenta, pois permitem analisar a diversidade dos indivíduos “em sua estranheza e imprevisibilidade” (2003, p. 79). Tratam-se de representações da sociedade presente e que ainda não tiveram tempo suficiente para se sedimentar e que podem ser conseguidas por meio dos princípios metodológicos da obtenção de amostras do senso comum, da compreensão de que estas realidades são formas de se re-criar uma realidade, do fato do seu caráter enquanto representação ser construído em tempos de insurreição ou crise (rupturas) e à presença de professores (sábios) amadores. Neste sentido, encontra-se um contraponto entre os universos consensual e reificado – proposições de Moscovici. Percebe-se o Contestado contado por pesquisadores e estudiosos com sua linguagem característica, graus de especialização, prescrição e normas globais, ou seja, o conhecimento científico, o conhecimento reificado; e, por outro lado, nota-se o universo de pensamento consensual, o do senso comum, da vida cotidiana, das interações informais, do amorismo em relação ao objeto – cada qual, entretanto com seu propósito e eficácia.

Dessa forma, mesclam-se as contribuições teóricas de Moscovici a uma representação do Contestado por meio de aquarelas objetivando construir uma cronologia dos principais fatos do conflito e destacar uma das numerosas formas de se representar a significância desta região para a formação territorial sul-brasileira.

Thomé (1992) já afirmava: “Contestado, nesta região catarinense, é hoje nome de ruas, de praças e outros logradouros em diversas cidades, título de jornal, de livros, marcas de produtos industrializados, denominação de empresas, de museu, de instituto histórico e cultural, de teatro,

da associação microrregional de municípios e de Universidade” (p.15) e é mais, parafraseando Peixoto (1995): “O Contestado é acima de tudo uma lição” (p.80) e, deveras, destacam-se as diversas formas de representá-lo. Hoje, espera-se que a luta pela terra seja valorizada, que as distintas identidades tenham seu espaço e sejam respeitadas e que o estrangeirismo só venha se for para exaltar uma identidade nacional.

REFERÊNCIAS

- AFONSO, Eduardo José. **O Contestado**. São Paulo: Ática, 1994.
- AURAS, Marli. **Guerra do Contestado**: a organização da Irmandade Cabocla. 2ª ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1995.
- AVÉ-LALLEMANT, Robert. **Viagens pelas províncias de Santa Catarina, Paraná e São Paulo (1858)**. Tradução de Teodoro Cabral. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1980.
- BENJAMIM, W. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CABRAL, Oswaldo R. **João Maria** – Interpretação da Campanha do Contestado. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1960.
- FRAGA, N. C. **Vale da Morte**: o Contestado visto e sentido. Entre a cruz de Santa Catarina e a espada do Paraná. Blumenau: Ed. Hemisfério Sul, 2010.
- FRAGA, N. C. **Contestado**, o território silenciado. Florianópolis: Insular, 2009.
- FRAGA, N. C. Território e silêncio. Contributos reflexivos entre o empírico e o teórico. In: FRAGA, N. C. (org.). **Territórios e fronteiras**: (re)arranjos e perspectivas. Florianópolis: Insular, 2011.
- FRAGA, N. C.; LUDKA, V. M. **100 anos da Guerra do Contestado no Paraná**: Silêncio, Invisibilidade e Indiferença Secular. In Cem anos do Contestado no Paraná, 1912-1916. Secretaria de Estado de Educação. Coordenação de Estudos e Pesquisas Educacionais. Curitiba: SEED/PR, 2012.
- GALEANO, E. **As Veias Abertas da América Latina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 22 ed., 1986.
- HAESBAERT, Rogério. **Concepções de território para entender a desterritorialização**. In: SANTOS, M. [et al.]. Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial. 3. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.
- MACHADO, Paulo Pinheiro. **Lideranças do Contestado**: a formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916). Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.
- MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em Psicologia Social. Rio de Janeiro, Vozes, 2003. 404 páginas (trad. Pedrinho A. Guareschi, a partir do original em língua inglesa Social representations: explorations in social psychology [Gerard Duveen (ed.), Nova York, Polity Press/Blackwell Publishers, 2000]).
- OLIVEIRA, Beneval de. **Planaltos de frio e lama**. Os fanáticos do contestado: o meio, o homem, a guerra: ensaio de história. Florianópolis: FCC, 1985.

PEIXOTO, D. **Campanha do Contestado** – I: Raízes da Rebelião. Curitiba: Fundação Cultural, 1995. (Farol do Saber).

QUEIROZ, Maurício Vinhas de. **Messianismo e Conflito Social** – A Guerra Sertaneja do Contestado: 1912/1916. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966, p. 49.

SÁ, C. P. de. Representações Sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In: SPINK, M. J. (org.). **O conhecimento no cotidiano**. São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 19-57.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem à Província de Santa Catharina (1820)**. Tradução e Prefácio de Carlos da Costa Pereira. Bibliotheca Pedagogica Brasileira. Série 5ª. Brasileira. Vol. 58. Companhia Editora Nacional: São Paulo, 1936.

SANTOS, Milton. **Território, territórios**; ensaio sobre o ordenamento territorial. Lamparina: Rio de Janeiro, 2007.

THOMÉ, Nilson. **Civilizações primitivas do Contestado**. IUL – Impressora Universal Ltda, Caçador – Santa Catarina, 1981.

THOMÉ, Nilson. **Sangue, Suor e Lágrimas no Chão Contestado**. Caçador: UnC, 1992.

THOMÉ, Nilson. **A Política no Contestado**: do curral da fazenda ao pátio da fábrica. Caçador: Universidade do Contestado, 2002.

TONON, Eloy. **Os monges do Contestado** – permanências, predições e rituais no imaginário. União da Vitória: Editora Kaygange, 2010.

VINHAS DE QUEIRÓS, Maurício. **Messianismo e conflito social**. 2. Ed. São Paulo: Ática, 1977.

¹ Doutora em Geografia pela UFPR (2016). Professora do Colegiado de Geografia da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), Campus Cornélio Procopio/PR. E-mail: vanessaludka@gmail.com

² Doutora em Geografia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR – 2014) e Professora Adjunta do Colegiado de Geografia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), Campus de União da Vitória/PR. E-mail: alcimaraf@yahoo.com.br

³ Pesquisador do CNPq/PQ. Diretor de Planejamento da Pró-Reitoria de Extensão – PROEX/UUEL. Universidade Estadual de Londrina/Departamento de Geociências – DGEO/UUEL. Coordenador do Observatório do(s) Centenário(s) da Guerra do Contestado – OCGC/UUEL. Coordenador do Laboratório de Geografia, Território, Meio Ambiente e Conflito – GEOTMAC/UUEL. nilsoncesarfraga@hotmail.com

⁴ Ocorrida entre novembro de 1896 a outubro de 1897, no interior do sertão da Bahia. Envolvidos: de um lado os habitantes do Arraial de Canudos (jaguços, sertanejos pobres e miseráveis, fanáticos religiosos) liderados pelo beato Antônio Conselheiro. Do outro lado as tropas do governo da Bahia com apoio de militares enviados pelo governo federal.

⁵ MOSCOVICI, Serge. Representações sociais: investigação em psicologia social. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. 403 p.

⁶ O Dr. Ângelo Dourado foi um cronista do movimento revolucionário, além de comentador político e dedicado médico. (cf. CABRAL, Oswaldo R. **João Maria – Interpretação da Campanha do Contestado**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1960, p. 148)

⁷ Ressaltam-se as inúmeras formas de se retratar em forma de adjetivo o ocorrido entre os anos de 1912-1916 entre o Paraná e Santa Catarina: para uns, guerra; para outros, conflito; ou ainda: questão, causa, movimento... o que só vem a evidenciar as distintas interpretações a esse respeito.